



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13227 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT24 - Educação e Arte

PAUL KLEE, EDUCAÇÃO E ARTE MENOR: BIOGRAFEMAS

Jessé Pinto Campos - UFPA - Universidade Federal do Pará

Gilcilene Dias da Costa - UFPA - Universidade Federal do Pará

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

PAUL KLEE, EDUCAÇÃO E ARTE MENOR: BIOGRAFEMAS

Resumo: O trabalho movimentava as linhas rizomáticas de uma arte menor em suas travessias na educação, por meio dos *biografemas* e das artes de Paul Klee. Nesse traço biografemático mergulha-se nos blocos de infância de Klee, no qual ver-se-ia compor com as matérias sensíveis de uma arte e vida nômade deste autor, com atenção para não compor uma linha administrada do tempo, e sim uma linha de vida que transborda as multiplicidades de um viver pelos afetos de uma arte em livre criação. A principal inquietação consiste em perguntar: o que pode uma educação em arte menor, nas existências biografemáticas de Paul Klee? O percurso metodológico envia-se pela noção de *biografemas* (BARTHES, 2010), Costa (2008, 2010), Corazza (2020), em intercessão com os Diários” (1990) e as artes de Paul Klee, além da filosofia rizomática de Deleuze e Guattari (2015, 1999, 2010, 2016). Trama-se, assim, uma arte menor movente e movida no rumor das intensidades, das linhas de fugas, das travessias, dos devires, das potências minoritárias em educação, arte menor enquanto melodia de criação e matéria sensível a ressoar por entre *afectos* e *perceptos* que os biografemas emanam.

Palavras-chave: Arte menor, Educação, Biografemas, Paul Klee.

Linhas iniciais

O trabalho se aventura por uma correlação entre arte, filosofia e educação, e nesse propósito, debruça-se por um conceito de arte menor no rumor dos *biografemas* e das artes de Paul Klee, para pensar uma educação no rigor da criação de novos mundos possíveis aliados aos blocos de infância e aos biografemas de Klee.

A arte menor se movimenta nos labirintos artísticos de Klee, aliada às linhas de fuga que o próprio autor experimentou na sua vida e obra nômade, haja vista que buscou desterritorializar sua arte dos padrões de imitação e representação do real vinculados nas instituições de ensino. Desta forma, seguiu à procura de um estilo singular, uma vez que sempre desconfiou que a arte deveria tornar visível o invisível, e que pelas suas telas pudessem vazar blocos de sensações capazes de atravessar multiplicidades, ou seja, que a arte produzisse novos sentidos no encontro com o espectador.

A arte menor fala por um povo menor, e ainda por um povo que falta. Nesse movimento, passamos à ideia de acontecimento como uma potência criadora de novos rumores, os quais não poderemos negar ou ultrapassar. Igreja (2022, p.3) salienta que “a arte menor nunca é uma arte do individual, pois se inscreve na coletividade; mesmo quando suscita lembranças e vivências do autor, a arte menor o faz por meio de um sentir-viver coletivo”, desta forma, arrebatada as forças minoritárias que se agenciam no sentir-viver coletivo que nasce das vivências e sensações de um tempo perdido do aprender no tenro encontro com o outro.

As potências minoritárias dessa arte menor agenciam os blocos de sensações das criações de Paul Klee, as quais reverberam nos blocos de infância escritos e vividos nos seus diários pessoais e que repercutiram em suas obras. Nesse sentido, questiona-se: como uma arte menor, em seus blocos de infância, pode criar signos à uma educação no seu encontro com Paul Klee?

No intuito de compor uma arte menor em movimento experimental na educação, seguimos os seus rumores entre os blocos de sensações e as interlocuções possíveis com as artes de Klee. Desse modo, anuncia-se uma arte menor a criar signos em arte a partir dos encontros com seus perceptos e afectos, nesse encontro somos envolvidos por uma matéria sensível que nos abraça em prol de uma multiplicidade que permanece no tempo enquanto um acontecimento fabulador de novos signos.

Práticas biografemáticas em educação

O percurso metodológico se aventura pelo conceito de *biografema*. O biografema, segundo Costa (2010a, p.28) “é apresentado como um “traço biográfico”, como o ponto

(*punctum*) que coloca o observador para fora da obra histórica propriamente dita”. O biografema apresenta à obra histórica uma possibilidade de se experimentar novos sentidos, novos mundos possíveis. Nesse ensejo, é preciso transbordar o sentido real e passar a fabular mundos possíveis entre os blocos de sensações e multiplicidades vivenciadas nos desvios singulares da vida do autor e, assim, fabricar uma nova escritura capaz de compor sentidos outros à educação, haja vista que o biografema extrai novos signos ainda não percebidos, e criar sentidos outros por transgressões. Isto posto, o biografema apresenta instigantes desafios metodológicos à pesquisa em educação.

Os sentidos se movimentam por signos não operando por contraposição ou binarismo, tendo em vista que “a prática de uma biografemática envolve a constituição de um retrato de vida, este, porém, nunca acabado (COSTA, 2010b, p.29). O retrato de vida está em movimento, os traços não fixam em uma imagem ou ideia do pensamento, a todo o momento passam mudar a vida em suas linhas singulares, fabular novos rumos ou signos. Nesse percurso pelo biografema criamos um Klee ainda em vias de se fazer, longe do ideal fatalista da história que dita começo, meio e fim à sua obra e vida.

A vida do pintor, desenhista, poeta e professor suíço, de nacionalidade alemã, Paul Klee (1879-1940) é um material biografemático composto por linhas sinuosas, tensões, abismos, travessias, saídas e tocas... O seu livro intitulado “Diários”, lançado pela editora Martins Fontes em sua primeira edição no Brasil em 1990, foi organizado por Felix Klee – filho de Paul Klee – a partir de anotações que ele reuniu ao longo da vida, todavia não tinha a intenção de torná-las uma biografia. Felix Klee organizou o livro a partir da data dos acontecimentos e censurou alguns nomes para manter o anonimato das pessoas, o livro ainda reúne suas viagens, amores, experimentações pela arte entre outras travessias.

No deleite da obra viva de Klee, habitamos suas linhas em busca de compor mapas, tendo em vista que a prática “biografemática libera a escritura para aquilo que ela tem de mais potente, ou seja, seu movimento de criação e recriação de mundos” (COSTA, 2010b, p.29). Nessas práticas biografemáticas captamos movimentos fragmentários, incompletos, ora retorcendo para a criação e recriação de mundo; essas criações se estabelecem em um caos o qual operamos por subtração, $n-1$, ou como Costa (2010, p.29) sugere por um *biodiagrama* onde o conjunto de biografemas produzem linhas “da mais variada natureza sígnica, o biógrafo arma uma espécie de teia (*biodiagrama*)”.

Klee, arte menor e educação

A arte menor brinca com a criação de blocos de sensação e/ou infância. Deleuze (2016, p.215), ao adentrar os rumores da arte menor de Klee, salienta que ao “admirar os desenhos de crianças, ou antes comovermo-nos com eles; é raro que se mantenham de pé, e só parecem com coisa de Klee ou de Miró, se não os olhamos muito tempo”. A arte menor se

encontra no limiar de um traço simples. Esta infância de Klee que percorre a arte é um espaço de inocência que perdura no tempo, seus blocos de infância passam a compor em sua superfície uma sensação que abre ao possível que cria o invisível. Klee coloca-nos a dançar por sensações singulares em sua obra “Geschützte Kinder” (1939), em tradução livre, crianças protegidas.



Figura 1 - KLEE, Paul. Crianças protegidas, 1939, pintura em óleo sobre serapilheira colocado sobre serapilheira, 75.2 x 100.3 cm, coleção particular.

O artista compõe um bloco de infância na linha de uma arte menor. Essas composições estão no limiar doce de um desenho de criança, com traços que expressam um dia chuvoso de verão, onde as crianças se protegem da chuva; com tons terrosos que lembram uma praia ou acampamento, há nesse quadro um vento que movimentava os guarda-chuvas a se inclinar. Ao longe, um barco? Ou um guarda-chuva que voou com o vento? Nessas frestas abre-se vazios pelo quais compomos novos sentidos à arte menor aberta aos acontecimentos e signos que transbordam da experimentação no nosso singelo encontro.

A arte menor abre vazios. Deleuze e Guattari (2016, p.215) apontam que: “uma obra de arte se, como diz o pintor chinês, guarda vazios suficientes para permitir que neles saltem cavalos”. Destarte, os vazios que a arte menor experimenta apresentam sensações, “as sensações, como perceptos, não são percepções que remeteriam a um objeto (referência): se se assemelham a algo, é uma semelhança produzida por seus próprios meios, e o sorriso sobre a tela é somente feito de cores, de traços, de sombra e de luz” (DELEUZE; GUATTARI, 2016, p.216). As sensações não são percepções, não está vinculada a um objeto real, passam a criar virtualidades pelas quais compomos novos traços entre cores e variações entre caminhos e experimentações.

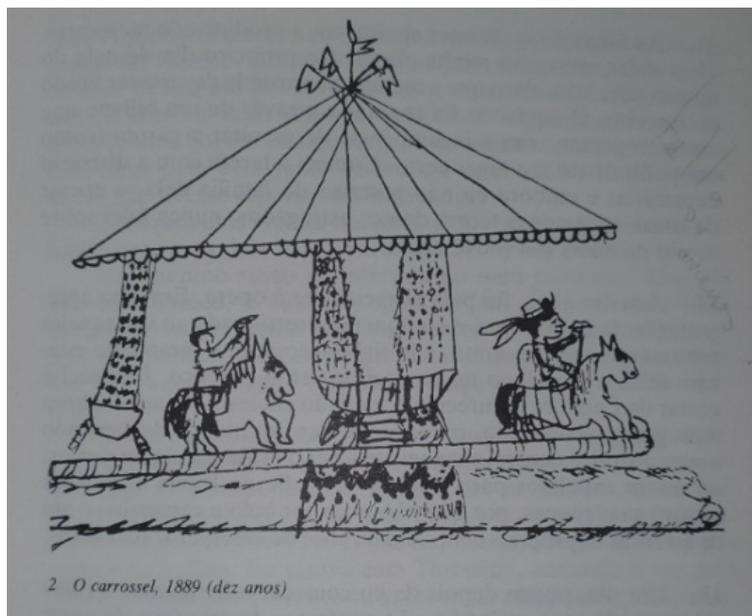
Klee (1990) era um nômade. Toda sua caminhada foi experimentada pelos lugares que vivenciou. O desejo de viver a arte menor o levou por bifurcações e desvios pelos quais habitou no presente do acontecimento. Klee (1990, p.11) conclui sua educação geral e podia

escolher qualquer carreira, decidiu “estudar pintura e dedicar minha vida à arte, apesar do risco que implicava essa carreira”, correu o risco de viver o desconhecido que não cessou de o habitar, assim, fluiu a vida inteira pelo seu fluxo de desejo.

Um acontecimento que agenciou os primeiros traços de Klee (1990, p.14) ocorreu quando: “Minha avó, sra. Frick, ensinou-me desde muito cedo a desenhar com lápis de cor”. Os primeiros traços foram experimentados em diversos lugares e tempos. Klee (1990, p.16) lembra de uma certa ocasião em que desenhava um cavalo e um carrinho no restaurante do seu tio Frick, quando terminou um freguês indagou: “Sabe o que você esqueceu?” Achei que ele estava falando num certo órgão que os garanhões têm, e respondi com silêncio obstinado [...]. No fim, ele mesmo respondeu: “Os arreios”.

O bloco de infância age por um signo pelo qual suspende os “arreios” da dominação e segue o fluxo livre do desenho. Não cabe ao cavalo seguir em sua jornada preso pelas linhas da dominação. Em “O carrossel” (1889), aos dez anos desenha um carrossel sem o mastro de fixação dos cavalos.

Figura 2 – “O carrossel” (1889)



Fonte: (KLEE, 1990, p.19)

O giro do carrossel é o movimento contínuo que segue no bloco de infância, o qual não se aprisiona, não cerceia, não coage, não limita. O giro do carrossel, se difere a cada volta, já que sem o mastro as voltas são singulares. Ainda nesses giros, as obras nos apresentam diversas entradas, entradas as quais podemos experimentar.

“É claro que com os adultos tudo é diferente, eu pensava com meus botões” (KLEE, 1990, p.15). Klee pensa pelos seus botões, isso implica em não compreender certos rigores e costumes dos adultos, em outras palavras, é não seguir certos caminhos já definidos. Klee (1990, p.15) não compreendia o porquê da sua mãe elogiar o tenor, Klee “imaginava o seguinte: nem personagens, nem figurinos, isso é coisa de criança, mas um homem de fraque,

com a partitura na mão. No máximo um cenário bem simples, um quarto monótono”.

Klee (1990, p.26) protesta em seu diário sobre uma educação totalitária, o professor diz: “Sente-se e estude mais!” era a palavra de ordem no curso de matemática. Mas tudo isto é passado e está esquecido”. Uma educação não deve agir por imposição ou autoritarismo. Sem palavras de ordem, e sim um agenciamento coletivo de enunciação. O espaço escolar transborda os espaços físicos e se rizoma com a vida. Uma educação no rumor de uma potência de vida. Klee fala sobre o prestígio das escolas:

Soava muito bem ser aluno de Stuck. Na verdade, porém, não era tão esplendoroso quanto parecia. Ao invés de abrir todo o meu poder de compreensão, levei comigo milhares de dores e preconceitos. Custava-me avançar no trabalho com a cor. Como o emocional predominava intensamente no meu domínio da forma, procurei tirar o melhor proveito possível pelo menos nessa área (KLEE, 1990, p. 59-60).

Reconhecia o prestígio que certas escolas carregam, soava bem ser aluno de Stuck para a sociedade, isso era uma verdade. Todavia, também que mesmo a mais prestigiada escola da época não o livrava das dores e preconceitos ao longo da sua formação. Klee perseverou bastante na busca da cor, com certo esforço, preferiu se dedicar à forma, tendo em vista que, realmente, tinha “muito a aprender com Stuck. É claro que eu não era o único a apresentar uma deficiência no domínio da cor” (KLEE, 1990, p. 60).

Em suma, os biografemas lançam a arte menor e a educação um ímpeto de criação, o qual se apreende por um olhar singular de um tempo perdido, jamais cerceado de imaginação, uma vez que potencializa olhar singelo ao encontro da arte e seus rumores de vida, bem vivida e criadora de multiplicidades.

Linhas finais

A arte menor torna visível o que antes estava em segredo, “se tornam realidades da arte, que levam uma vida para além do que ela aparenta ser” (KLEE, 2019, 241). A vivacidade transborda o coração do espectador e sua criação, livre de uma certeza, encanta o mundo à sua volta. Tudo muda, as linhas estão livres das razões que a apreendem. O ato de criação “não pode ser apressado. É preciso que cresça, que desabroche” (KLEE, 2019, 242) para acompanhar a lentidão da ruminação dos sentidos, nenhum sentido, apenas signos que seguem a encontrar os fragmentos da obra, mas não todos, ainda falta um povo, um povo que falta, e somente quando esse povo por vir encontrar a arte menor poderemos vislumbrar o nascimento de uma nova arte renascida com o povo.

Nesse proficuo solo da arte menor pensar uma educação pela qual possa-se gozar,

agenciar, criar linhas de vida, experimentar territorialização, desterritorialização, agir por encontros nômades, viver o vivível do caos por um n-1, falar uma língua gaga, pois não ensejamos nos fincar nas tradições ou regras, desta forma, perfurar buracos no solo da sociedade. Uma educação que cria passa a fruir um tempo perdido da criação que não se expressa em um igual o real, assim, cria um real virtual, no qual compomos novas melodias, novos signos a produzir diferença!

Referências

BARTHES, Roland. **Roland Barthes por Roland Barthes**. Estação Liberdade Macmillan, 2010.

COSTA, Luciano Bedin da. **Biografema como estratégia biográfica**: escrever uma vida com Nietzsche, Deleuze, Barthes e Henry Miller. 2010a.

COSTA, LB da; **O destino não pode esperar ou o que dizer de uma vida** In: FONSECA, Tania Mara Galli; COSTA, Luciano Bedin da. **Vidas do fora**: habitantes do silêncio. Porto Alegre: UFRGS, p. 281-298, 2010b.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Editora 34, 2016.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

IGREJA, Fabíola de Fátima. **Devir-mulher e educação múltipla**: cartografias clariceanas. Revista Estudos Feministas, v. 29, 2021.

KLEE, Paul. **Diários**. Tradução de João Azenha Jr. Martins Fontes, São Paulo, 1990.

KLEE, Paul. **Paul Klee Equilíbrio Instável**. Exposição organizada pela curadoria de Fabienne Eggelhöfer, Centro Cultural Banco do Brasil, São Paulo, 2019.